

**Centro de Estudos em Saúde  
do Índio de Rondônia / CESIR**

**Universidade Federal de Rondônia**



**Mortalidade, Fecundidade e  
Padrão de Assentamentos dos  
Xavánte de Sangradouro-Volta  
Grande, Mato Grosso (1993-1997)**

**Documento de Trabalho no. 2**

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
data	/ /
cod	XVD 00 178

## **Mortalidade, Fecundidade e Padrão de Assentamento dos Xavante de Sangradouro- Volta Grande, Mato Grosso (1993-1997)**

Documento de Trabalho no. 2

Luciene Guimarães de Souza

Fundação Nacional do Índio, Administração Regional de Barra do Garças, Mato Grosso

Ricardo Ventura Santos

Escola Nacional de Saúde Pública/ FIOCRUZ e Museu Nacional/ UFRJ, Rio de Janeiro

Barra do Garças e Rio de Janeiro, novembro de 1999

Endereço para contato:

Profa. Ana Lucia Escobar

Centro de Estudos em Saúde do Índio de Rondônia

Núcleo de Saúde – Universidade Federal de Rondônia

Campus Universitário – BR 364 km 9,5

78900-000 Porto Velho – RO

endereço eletrônico: [ana@unir.br](mailto:ana@unir.br)

**Resumo:** A demografia dos povos indígenas é uma temática pouco investigada no Brasil. O presente estudo analisa o perfil demográfico da população Xavante da Terra Indígena Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso, no período 1993-1997. Devido ao contato com a sociedade nacional, nas décadas de 1940 e 50, os Xavante sofreram uma acentuada depopulação devido a epidemias e a confrontos com a sociedade envolvente. Nas últimas décadas, vêm passando por um processo de recuperação populacional. O levantamento demográfico incluiu censos anuais e registros de eventos vitais da população de sete aldeias. Em 1995, a população de Sangradouro-Volta Grande somava 825 indivíduos. Verificaram-se altas taxas brutas de natalidade (57,7 por mil) e de mortalidade (9,1 por mil), bastante superiores às médias nacionais. A população é predominantemente jovem, sendo que 56% são menores de 15 anos de idade (mediana de 13 anos). A taxa de mortalidade infantil (87,1 por mil) apresentou-se muito mais elevada que a cifra para o Brasil (37,5 por mil em 1996), superando inclusive aquela reportada para a região Nordeste (60,4 por mil em 1996). Outros resultados observados foram os seguintes: persistência da poligamia (na forma de casamentos poligínicos); baixos níveis de migração; intensa dinâmica de cisão e de formação de aldeias; continuidade dos padrões tradicionais de residência nas aldeias mais antigas e abandono nas mais novas. Argumenta-se que as precárias condições sanitárias nas aldeias são um dos principais responsáveis pelos elevados níveis de mortalidade observados. A comparação do conjunto de dados populacionais de Sangradouro-Volta Grande com aqueles relativos a uma outra comunidade Xavante (Pimentel Barbosa), também investigada do ponto de vista demográfico nos anos 90, mostra uma situação semelhante no que diz respeito à recente recuperação demográfica. Este trabalho chama a atenção para a importância da coleta e da análise sistemáticas de dados demográficos para as populações indígenas para fins do planejamento e avaliação das atividades de assistência.

Palavras-chave: Demografia; Mortalidade; Fecundidade; Xavante; Povos Indígenas; Brasil.

## Mortalidade, Fecundidade e Padrão de Assentamento dos Xavánte de Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso (1993-1997)

### Introdução

Em "Povos Indígenas no Brasil 1991/1995", recentemente publicado pelo Instituto Socioambiental (ISA), Carlos Alberto Ricardo (1996:v). traça o seguinte diagnóstico acerca da disponibilidade de informações demográficas para os povos indígenas:

"...o que se sabe sobre a situação [demográfica] contemporânea dos índios no Brasil é muito pouco. Os dados demográficos [...] são bastante heterogêneos, quanto à sua origem, data e procedimento de coleta... Mesmo quando são dados resultantes de contagem direta, via de regra os recenseadores não dominam a língua, não entendem a organização social nem a dinâmica espacial e sazonal das sociedades indígenas, produzindo, portanto, informações inconsistentes e totais errados, para mais ou para menos".

No presente, é impossível realizar uma caracterização dos níveis e determinantes de fatores demográficos básicos, como mortalidade e fecundidade, entre outros, para os povos indígenas. Estatísticas vitais, tais como taxa de mortalidade infantil, esperança de vida ao nascer e taxas brutas de natalidade e mortalidade, que são essenciais para monitorar o perfil de saúde/doença e planejar programas de saúde e educação, entre outras, são absolutamente desconhecidas para a amplíssima maioria dos povos indígenas no Brasil.

A carência de dados pertinentes aos povos indígenas está longe de ser remediada, mesmo após a introdução de um item de classificação específico para os índios no quesito "cor" do censo de 1991. Nos censos anteriormente realizados no Brasil, quando contados, os índios eram incluídos nas categorias "pardo" ou "amarelo" (Azevedo, 1997; Oliveira, 1997). Além da confiabilidade dos princípios de classificação [como ironicamente apontado por Silva (1994:262), "... 'índio' não é 'cor' nem aqui nem na China..."], inúmeros outros problemas têm sido apontados em relação aos dados censitários de 1991 (Azevedo, 1994, 1997; Silva, 1994). Por exemplo, somente foram recenseadas as pessoas vivendo próximas dos postos da FUNAI ou em missões religiosas, excluindo da contagem um contingente desconhecido, mas certamente significativo, de indígenas residentes em aldeias sem a presença de agentes governamentais ou de missionários. Além disso, no censo predomina um "conceito de índio genérico", dado que não são coletadas informações sobre filiação étnica específica (Xavánte, Kayapó, Guarani, Yanomámi, etc.).

Estatísticas populacionais não somente são úteis para situar demograficamente os povos indígenas no contexto sócio-político nacional contemporâneo, como também apresentam o potencial de lançar luzes sobre a trajetória histórica percorrida por essas sociedades ao longo do processo de interação com a sociedade envolvente. Como amplamente documentado, o contato e a interação com a sociedade nacional brasileira têm sido historicamente marcados por profundas transformações para as sociedades indígenas. Introdução de doenças, invasão de territórios, comprometimento da sobrevivência física e cultural, desestruturação social e das atividades de subsistência e drástica redução populacional são fatos recorrentes nesse processo. No que tange à dinâmica demográfica e suas inter-relações com o processo de interação com a sociedade envolvente, num primeiro momento, por ocasião dos contatos iniciais, verificam-se elevados níveis de mortalidade advindos de epidemias, o que leva à redução, ou mesmo ao desaparecimento, de grupos inteiros. Passados os surtos epidêmicos, importantes mudanças ocorrem na ecologia, na organização social, no arranjo espacial das comunidades, entre outras, muitas das quais repercutem sobre a dinâmica demográfica e vice-versa. Dentre os poucos estudos que abordaram os impactos do contato sobre a demografia, podem ser citados Baruzzi et al. (1994), Black et al. (1978), Early & Peters (1990), Flowers (1994), Ribeiro (1956), Wagley (1973) e Werner (1983a, 1983b).

O objetivo deste trabalho é apresentar a análise de um conjunto de dados demográficos coletados ao longo de um período de cinco anos em uma área indígena Xavante. O intuito principal é caracterizar aspectos relativos ao perfil demográfico dos Xavante de Sangradouro-Volta Grande no que diz respeito sobretudo à fecundidade e mortalidade, incluindo-se também aspectos relacionados à dinâmica de formação de novas aldeias e nupcialidade. Os dados foram coletados no âmbito das atividades de assistência à saúde da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) da região de Barra do Garças, Mato Grosso (vide Souza, 1999). Assim, um objetivo secundário do trabalho é indicar que os serviços locais que atendem às populações indígenas, uma vez devidamente instrumentalizados, têm condições de coletar informações demográficas de qualidade e que as mesmas se configuram como imprescindíveis para a caracterização e planejamento de atividades de assistência voltadas para as comunidades.

## População e Métodos

### Os Xavánte

As terras ocupadas pelos Xavánte localizam-se em regiões de cerrado, entre o rio das Mortes e os formadores do rio Xingu, no leste de Mato Grosso. Em 1996, segundo a FUNAI (1996), a população Xavánte somava aproximadamente 8000 indivíduos, que viviam em cerca de 70 aldeias localizadas em sete Terras Indígenas: Areões (800 indivíduos), Marãiwasede (dados sobre população não disponível), Marechal Rondon (376), Parabubure (3100), Pimentel Barbosa (1060), Sangradouro-Volta Grande (920) e São Marcos (1813) (Figura 1). Os dados apresentados neste trabalho foram coletados nas aldeias da Terra Indígena (T.I.) Sangradouro-Volta Grande no período 1993-1997.

As referências históricas mais antigas sobre os Xavánte datam do século XVIII, situando-os nas regiões norte e central do atual Estado de Goiás. Nessa época, as atividades de mineração expandiram-se na então Província de Goiás, resultando em intensificação dos conflitos entre as frentes econômicas e os Xavánte, assim como com outros povos indígenas que viviam na região. Em decorrência da decadência da mineração em Goiás no século XIX, deslocou-se o foco de interesse econômico para a agricultura e a pecuária. É nesse período que alguns grupos Xavánte rumaram na direção oeste, estabelecendo-se na região que atualmente constitui Mato Grosso. Os Xavánte mantiveram-se relativamente isolados dos colonizadores até o início do século XX. Foi a partir dos anos 30, durante o Estado Novo, que novas frentes expansionistas os alcançaram. A integração do Brasil Central ao contexto geopolítico nacional tornou-se meta prioritária para o governo de Getúlio Vargas. O contato permanente dos Xavánte com a sociedade nacional aconteceu na década de 1940. O período imediatamente pós-contato foi marcado por epidemias e confrontos que resultaram em acentuada depopulação. Mais recentemente, nas décadas de 1970 e 80, intensificaram-se os esforços, inclusive e sobretudo dos próprios Xavánte, para a demarcação de suas terras. Tal dinâmica aconteceu ao mesmo tempo em que o governo federal, incentivava a colonização do leste matogrossense por migrantes sulistas. Mais informações sobre a história dos Xavánte podem ser encontradas em Flowers (1983a, 1983b), Garfield (1996), Giaccaria & Heide (1984), Graham (1995), Lopes (1988), Lopes da Silva (1986, 1992), Maybury-Lewis (1967), Menezes (1982) e Ravagnani (1978).

### Os Xavánte de Sangradouro-Volta Grande

Ao contrário de outros grupos Xavánte (e.g., Areões e Pimentel Barbosa), cujo contato com a sociedade nacional foi mediado por agentes do antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) na década de 1940, aqueles que atualmente vivem em Sangradouro estabeleceram os primeiros contatos permanentes com missionários salesianos em meados da década de 50. Anteriormente, estavam localizados na região do Rio Couto de Magalhães, de onde se deslocaram devido à intensificação de conflitos com fazendeiros e o grassar de epidemias. Chegaram inicialmente na Colônia de Meruri e foram posteriormente deslocados para a Missão de Sangradouro, onde estão desde então (Giaccaria & Heide, 1984:38-47; Lopes da Silva, 1986:31-44; 1992: 369-372).

A T.I. Sangradouro-Volta Grande compreende 100.280 hectares, tendo como limites o Rio das Mortes, córregos afluentes e a BR-070, bem como diversas propriedades particulares. A área é contígua à Missão Salesiana, que foi estabelecida em 1906. A extensão territorial da T.I. está inserida em três municípios, quais sejam, Novo São Joaquim, Poxoréo e General Carneiro (Figura 1). O acesso a Sangradouro é feito através da BR-070. Estradas precárias interligam a maioria das aldeias no interior da reserva.

A sociedade Xavánte apresenta metades exogâmicas constituídas por clãs patrilineares (*Poredza'ono*, *Ö wawe* e *Topdató*). Os rapazes ingressam na chamada "casa dos solteiros" (*Hö*) geralmente quando têm entre 9 e 12 anos de idade, ali vivendo por aproximadamente 5 anos. Casam-se após concluída a iniciação, que é posterior à saída do *Hö*. As meninas casam-se mais cedo do que os rapazes. Em geral, é somente após o nascimento do primeiro filho que o casal passa a residir no mesmo domicílio. A poliginia sororal, isto é, o casamento de um homem com mais de uma mulher, de preferência irmãs biológicas ou classificatórias, é corrente entre os Xavánte. Os casamentos prescritivos são entre as metades exogâmicas e a união preferencial entre primos cruzados. Embora a maioria das pessoas case em sua própria aldeia, são comuns casamentos envolvendo indivíduos de distintas comunidades. A manutenção da poliginia vem sofrendo restrições sob influência da Missão Salesiana. Tradicionalmente o grupo doméstico é composto por famílias extensas matrilocais. A residência, após o casamento, é matri- ou uxorilocal, isto é, o marido passa a residir com os parentes da esposa. Assim, os grupos domésticos são em geral compostos por mulheres ligadas por laços de parentesco de duas ou três gerações, seus esposos e filhos. Em Sangradouro, esse modelo familiar atualmente vem sendo



modificado com arranjos domiciliares que se distanciam das famílias extensas matrilocais. Para maiores informações sobre a organização social Xavánte, consultar Giaccaria & Heide (1984), Lopes da Silva (1986) e Maybury-Lewis (1967).

Em Sangradouro, as estratégias de subsistência, assim como diversas outras esferas da vida Xavánte, também sofreram profundas transformações ao longo das últimas décadas. A subsistência tradicional incluía uma combinação de caça, coleta e agricultura (Flowers, 1983a, 1983b; Giaccaria & Heide, 1984; Maybury-Lewis, 1967). Essas atividades, mesmo não tendo sido abandonadas por completo, já não são praticadas com a mesma intensidade. A restrição territorial, a sedentarização e a exploração mais intensiva dos recursos naturais, juntamente com o crescimento demográfico, aumentaram a pressão sobre a fauna e a flora. A arroz é a base da alimentação na maioria das comunidades atualmente, o que se deve ao chamado "Projeto Xavánte". Esse foi um "plano integrado de desenvolvimento" implementado pela FUNAI em várias áreas nas décadas de 70 e 80 e que pretendia instaurar a rizicultura mecanizada em larga escala (Lopes da Silva, 1992:376-378; Menezes, 1982; Santos et al. 1997). O "Projeto Xavánte" fracassou, mas o plantio do arroz em pequena escala persiste em algumas comunidades.

#### Coleta dos dados

Os dados analisados neste trabalho foram coletados no período 1993-1997 e provêm de duas fontes: recenseamentos e registros de eventos vitais. As informações dos censos foram coletadas em cada uma das aldeias, de domicílio em domicílio, por um mesmo investigador (L.G.S.), nos seguintes períodos: fevereiro-março e dezembro de 1993, abril e dezembro de 1994, julho e dezembro de 1995, novembro de 1996 e fevereiro e agosto de 1997. Paralelamente aos recenseamentos, os registros dos eventos vitais (mortes e nascimentos) foram coletados no ambulatório mantido pela Missão Salesiana e junto aos monitores de saúde das aldeias Dom Bosco e Volta Grande. Os dados referentes às mortes foram também obtidos na Casa de Saúde do Índio de Aragarças, mantida pela FUNAI, e nos hospitais freqüentados pelos Xavánte em General Carneiro e Primavera do Leste.

As idades foram calculadas a partir de registros existentes na Missão Salesiana e no posto indígena da FUNAI, bem como a partir de informações providas pelos pais das crianças. A Missão mantém registros de nascimentos desde o início da década de 1960. A

maioria das crianças são batizadas e freqüentam a escola mantida pela Missão. A idade dos adultos mais velhos foi estimada levando em consideração os chamados “grupos de idade” próprios à sociedade Xavante. Por ocasião dos rituais de iniciação durante a adolescência, os rapazes tornam-se afiliados a um dos oito grupos de idade que se sucedem. Indivíduos adultos afiliados ao mesmo grupo de idade geralmente pertencem a mesma faixa etária, com amplitude de 4-5 anos. As mulheres também apresentam uma filiação discernível a um dos grupos de idade. Estudos demográficos realizados em outras áreas Xavante também fizeram uso dos grupos de idade para estimar a idade dos adultos (vide Flowers, 1994). Giaccaria & Heide (1984), Lopes da Silva (1986) e Maybury-Lewis (1967) apresentam uma análise detalhada do sistema de grupos de idade Xavante. As idades reportadas foram confrontadas com os registros da Missão Salesiana e da FUNAI. Muitos adultos possuem documentação pessoal. Entretanto, a existência de tais documentos não garante a veracidade dos registros de nascimento, particularmente no caso daqueles indivíduos que obtiveram suas certidões vários anos após o nascimento.

Foram recenseadas todas as pessoas residentes em cada aldeia na data de cada coleta, inclusive as que se encontravam temporariamente ausentes. Entende-se como população residente aquela constituída por moradores habituais no domicílio, quer estivessem presentes ou ausentes na data de referência. Os ausentes foram incluídos nas contagens desde que a ausência não tenha sido superior a 12 meses em relação a data do censo. Esse parâmetro também foi utilizado para caracterizar a migração.

Por ocasião dos censos, as seguintes características sócio-demográficas foram investigadas: nome, sexo, relação de parentesco no domicílio, nome dos pais, nupcialidade, fecundidade, mortalidade e, quando fosse o caso, a data de morte. Além de registrados os dados relativos às características pessoais, foram coletadas informações quanto à composição e às características das famílias (nucleares e extensas).

Para sistematizar as informações censitárias foram preparadas fichas por unidade domiciliar. Nessas os registros das famílias residentes e respectivos laços de parentesco foram anotados e atualizados anualmente. Foram também registrados os deslocamentos individuais ou familiares. Classificou-se a família como nuclear quando ocupasse sozinha um domicílio; e extensa, quando duas ou mais famílias ocupassem um mesmo domicílio.

Para cada ano foi organizado um banco de dados. Foi utilizada como data de referência 31 de dezembro de cada ano. Para cada um dos indivíduos foi feito um registro codificado, contendo as seguintes informações: número de identificação, aldeia de residência, número do domicílio, nome, sexo, data de nascimento, data da morte, nome do pai e da mãe e nupcialidade. Após as transcrições das fichas, realizou-se nova checagem dos dados. O procedimento de checagem constituiu-se numa etapa cujo objetivo foi detectar inconsistências e incompatibilidades eventualmente persistentes nos dados e também duplicidade de informações.

Foram definidos os seguintes critérios para fins de classificação quanto à nupcialidade: solteiros – os que não vivessem ou tivessem vivido em companhia de cônjuge; casados – os que vivessem em companhia do cônjuge; separados – aqueles anteriormente casados que estivessem separados de seus cônjuges, e não vivessem na ocasião em companhia de outro cônjuge; viúvos – aqueles cujos cônjuges tivessem morrido e que não estivessem na companhia de outro cônjuge na ocasião.

Os bancos de dados foram constituídos utilizando-se o programa dBASE III Plus e analisados no programa Epi Info (versão 6.0) e Excel 97 para Windows.

## **Resultados**

### Estrutura por idade e por sexo

As distribuições (absoluta e relativa) da população Xavante de Sangradouro-Volta Grande por sexo e idade para o período 1993-1997 estão apresentadas na Tabela 1. Ao longo dos cinco anos, a população cresceu de 760 para 920 indivíduos, ou seja, uma taxa de crescimento próxima de 5% ao ano. Para 1995, que é o ponto médio do intervalo, observa-se uma acentuada concentração de indivíduos nos três primeiros grupos quinquenais (0-15 anos). Cerca de 56% da população tinha menos de 15 anos em 1995. A parcela de indivíduos com mais de 65 anos é reduzida, da ordem de 2,3%. A idade mediana para todos os anos considerados é de 13 anos, com exceção de 1993, no qual o valor observado foi 12 anos. A distribuição da população Xavante por sexo e idade para os demais anos do período é bastante similar àquela descrita para 1995.

A Figura 2 mostra a pirâmide demográfica para o ano de 1995. Nota-se que apresenta uma base larga, típica de populações com elevadas taxas de natalidade. Chama a atenção o relativamente pequeno contingente entre 35-44 anos. Como apontado anteriormente, a

década de 1950 foi um período de mortalidade particularmente acentuada para os Xavante. É possível que a constrição observada na pirâmide, ou seja, de indivíduos que nasceram entre 1950-1960, esteja associada ao recrudescimento da mortalidade no período que se seguiu ao contato. Contudo, na ausência de dados de mortalidade para períodos anteriores aos anos 90, esta questão fica em aberto. Outro aspecto que chama a atenção é o grande número de homens (11) com idade acima de 70 anos se comparado ao número de mulheres (1) na mesma faixa etária. Tal discrepância pode estar associada à sobrestimação da idade em idosos do sexo masculino.

Na Tabela 2 estão apresentados os valores da chamada “razão de dependência”. A “razão de dependência total” refere-se ao número de indivíduos entre 0-15 anos e 65 e mais anos dividido pelo número de indivíduos entre 15-64 anos. Observa-se que nos diversos anos mantém-se uma relação de aproximadamente 140 jovens e idosos para cada 100 adultos entre 15 e 64 anos. A parcela jovem da população desempenha um peso bastante mais acentuado nos valores da razão de dependência que a parcela de idosos, mostrando que a estrutura de população é relativamente jovem.

Os valores da “razão de sexo”, ou seja, o número de homens que corresponde a 100 mulheres, estão indicados na Tabela 3. Nota-se para todos os grupos etários o predomínio do sexo masculino, ainda mais entre os idosos.

### Nupcialidade

Tomando o ano de 1997 como referência para a análise da situação conjugal, nota-se que no grupo etário de 15 a 19 anos, 48% das mulheres e 5% dos homens encontram-se na categoria de “casados” (Tabela 4). Ou seja, as mulheres casam-se mais cedo. No grupo de 20-29 anos verifica-se que 73% dos homens e 93% das mulheres estão na categoria “casados”. Nesse grupo de idade observa-se 26% dos homens e nenhuma mulher na categoria de “solteiros”. Ainda com relação ao sexo e idade, verifica-se que a partir dos 20 anos há 21 homens e nenhuma mulher na categoria de “solteiros”.

Observa-se que nove mulheres no grupo etário de 30-39 anos (23%) estão sem parceiro, ou seja, nas categorias “separados” e “viúvos”. Já no caso dos homens, há quatro indivíduos entre 30-39 anos nas categorias “solteiros” ou “separados”. Quanto aos três “solteiros”, vale indicar que esses são indivíduos considerados como tendo “problemas mentais” pela comunidade e talvez por isso nunca tenham se casado.

Dentre as 145 mulheres “casadas”, 12 (8,3%) estavam envolvidas em uniões poligínicas. Seis homens estavam casados com mais de uma mulher. Todos as uniões poligínicas envolviam duas mulheres.

### Migração

Por fluxo migratório entendem-se a saída ou a entrada na T.I. Sangradouro-Volta Grande. Portanto, a mobilidade dentro da T.I. não está sendo considerada como migração para efeito deste trabalho.

A maior parte dos 26 imigrantes no período 1993-1997 compunha famílias oriundas de outras áreas Xavante, geralmente da região do Parabubure. Os 40 emigrantes, com exceção de uma família constituída de sete pessoas, dirigiram-se também a Parabubure. Alguns movimentos foram de migração de retorno. Pelo menos duas famílias que entraram na área no período entre 1993 e 1997 haviam residido anteriormente em Sangradouro.

Quanto ao sexo dos migrantes, incluíam 40 homens e 26 mulheres. As migrações individuais são geralmente realizadas por rapazes com idades entre 15 e 20 anos, estando em sua maioria relacionadas à busca de parceiros para casamentos.

### Características dos assentamentos

Em termos de distribuição populacional por aldeia em Sangradouro, observa-se uma concentração da população em São José, considerada sede da T.I. (Tabela 5). Esta comunidade é a mais antiga (estabelecida em 1957) e única com mais de 500 pessoas, tendo variado entre 517 em 1995 a 587 em 1997.

Em 1997 havia em Sangradouro um total de sete aldeias, cujas populações variavam entre 14 (Bom Jesus) a 587 (São José) indivíduos. Ao longo do período 1993-1997, São José manteve-se sempre como a maior aldeia, com um contingente populacional variando entre 62,6% a 77,2% do total da população vivendo na T.I.. Observa-se que a aldeia Dom Bosco de modo consistente mantém-se como a segunda em termos de contingente populacional. São José e Dom Bosco juntas sempre somaram mais de  $\frac{3}{4}$  da população da T.I.. Duas aldeias (Abelhinha e Bom Jesus) foram criadas muito recentemente (1995 e 1997, respectivamente).

Com relação ao tamanho das unidades familiares, na Tabela 6 estão apresentadas as freqüências de quantidade de moradores por domicílio segundo aldeia em 1997. Neste ano

o número de indivíduos por domicílio variou entre dois (Volta Grande) e 23 (São José e Abelhinha). No que diz respeito à frequência acumulada, cerca da metade dos 93 domicílios em Sangradouro apresentavam mais de nove indivíduos. Uma análise mais pormenorizada segundo a aldeia revela um padrão de heterogeneidade. Os aldeamentos menores, como Bom Jesus, Volta Grande, Abelhinha e Marimbú, são também aqueles que apresentam uma maior frequência de domicílios com menor número de moradores (em geral com menos de seis). Nessas aldeias há o predomínio de domicílios nos quais residem famílias nucleares. Já nas aldeias mais antigas e de maior tamanho predominam moradias com mais de nove indivíduos, aproximadamente. Portanto, há uma diferença marcante entre aldeias recém-criadas e aquelas mais antigas no que tange à composição dos domicílios.

### Natalidade e fecundidade

A taxa bruta de natalidade (número de nascidos vivos por 1.000 habitantes) em 1995 foi de 58,2 por mil (Tabela 7). Em 1994 e 1997 observam-se o maior e o menor índices, quais sejam, de 64,4 e 53,3 por mil, respectivamente. Para os outros anos as variações foram menos proeminentes.

Para o ano de 1995, a taxa de fecundidade global (relação entre o número de nascidos vivos e o contingente de mulheres em idade fértil) indica que, de cada 100 mulheres em idade reprodutiva (10-49 anos), nasceram 25,1 crianças vivas (Tabela 7).

A Tabela 8 apresenta as taxas específicas de fecundidade ou TEFs (número médio de filhos vivos que uma mulher de uma determinada idade teria em um ano, multiplicado por cem). Há uma tendência de aumento a partir do grupo etário de 10-19 anos até atingir um máximo entre 20-29, passando então a declinar até o grupo de 40-49 anos. A única exceção é o ano de 1994, quando o pico apresenta-se no grupo de 30-39 anos. As mulheres entre 40-49 anos, a partir de 1995, apresentaram fecundidade zero. Entre 1993 e 1997, a mulher mais jovem e a mais velha geraram crianças tinham, respectivamente, 13 e 45 anos de idade.

Nota-se ainda grandes variações nas taxas ao longo dos anos para os diversos grupos etários. Tais flutuações possivelmente decorrem do pequeno tamanho dos contingentes populacionais (Tabela 8).

Os resultados indicam que a taxa de fecundidade total-TFT (número médio de filhos

que uma mulher teria ao terminar o período reprodutivo, obtida a partir do conjunto de TEFs) no período de 1993-1997 foi de 8,6 (Tabela 7). A taxa total de fecundidade mostra variações de grande magnitude ao longo do período investigado.

Entre 1993 e 1997 nasceram 218 crianças, distribuídos da seguinte forma: 53 mulheres geraram um filho; 61 geraram dois; 13 geraram três. Finalmente, houve uma mulher que gerou quatro filhos. A média dos intervalos interpartais, no caso do nascimento de dois ou mais filhos de uma dada mulher, foi de 23,3 meses.

### Mortalidade

No período de 1993 a 1997, as taxas brutas de mortalidade-TBM (número de óbitos por 1.000 habitantes) oscilaram entre 7,3 e 12,6 por mil (Tabela 7). Na maior parte dos anos as TBMs oscilaram entre 7 e 9 por mil. A taxa média para o período foi 9,1 por mil, tendo sido particularmente influenciada pelo ano de 1994, quando foi de 12,6 por mil.

A Tabela 9 apresenta as taxas específicas de mortalidade, que se referem às probabilidades de morte em cada grupo etário, que correspondem ao quociente entre o total de óbitos, num determinado ano, em cada grupo etário e a população correspondente do mesmo grupo etário. No período 1993-1997 verifica-se que a taxa média mais elevada da mortalidade específica corresponde ao grupo de idade de 0-4 anos, seguido do grupo etário de 65 anos e mais.

A mortalidade proporcional (percentual de óbitos em relação ao total por faixa etária) é apresentada na Tabela 10. Para todo o período analisado, destaca-se o grupo de <1 ano de idade. Do total de óbitos ocorridos, 21 foram de menores de um ano, com uma mortalidade proporcional de 55,2%. Para o grupo de 50 e mais, é pequena a proporção de mortes se comparado à mortalidade de crianças e jovens. Em suma, a maior parte das mortes em Sangradouro (55%) entre 1993 e 1997 aconteceu em crianças menores de 1 ano de idade, que corresponde a aproximadamente 5% da população total.

Na Tabela 7 estão apresentados os valores dos coeficientes de mortalidade infantil (número de óbitos de menores de 1 ano por 1.000 nascidos vivos). No período 1993-1997 percebe-se uma ampla variação no coeficiente, desde 62,5 por mil em 1995 até 116,3 por mil em 1993. O valor para o período total foi de 87,1 mortes por mil nascidos vivos.

A Tabela 11 apresenta a distribuição das mortes ocorridas na T.I. Sangradouro-Volta Grande em crianças de 0-10 anos, no período entre 1993 a 1997.

A análise da tábua de vida abreviada indica que os coeficientes de mortalidade são mais elevados entre as crianças de 0-1 ano de idade (Tabela 12). Comparado aos demais grupos etários, é também elevada a mortalidade em crianças de 1 e 2 anos. A mortalidade reduz-se consideravelmente a partir dos 5 anos. Em termos da função  $l_x$ , que se refere ao número de sobreviventes a partir de uma coorte de 1000 indivíduos nascidos vivos, aos 10 anos sobreviveram 862 indivíduos. Ou seja, aproximadamente 14% das crianças nascidas vivas morrem antes de completar os 10 anos de idade.

#### Estimativas de crescimento da população

Na Tabela 7 estão apresentados os valores da taxa do crescimento vegetativo no período 1993-1997. Tal taxa é obtida subtraindo-se a taxa bruta de natalidade da taxa bruta de mortalidade para cada um dos anos analisados. Há pouca variação nos valores dessa taxa ao longo do período. Para o período como um todo o valor médio dessa taxa foi de 4,9 por cem.

Admitindo-se que o crescimento anual continue constante nas próximas décadas e que a população não apresente movimentos migratórios significativos, é possível realizar projeções do tamanho populacional em anos vindouros. Tomando o valor médio de 4,9% e o ano base de 1997, quando a população era de 920 pessoas, no ano 2015 a população de Sangradouro será de 2148 indivíduos; em 2030, 4401. Com tal taxa média de crescimento, a população duplicará em 15 anos.

#### **Discussão**

Um primeiro ponto para o qual gostaríamos de chamar a atenção relaciona-se às grandes flutuações observadas nos parâmetros demográficos ao longo do período de cinco anos investigados. Por exemplo, os valores do coeficiente de mortalidade infantil variaram entre 62,5 e 116,3 por mil, e a taxa de fecundidade total entre 6,5 e 10,7 filhos (Tabela 7). Em um detalhado estudo sobre a dinâmica demográfica dos Yanomámi, que se baseou na análise de dados coletados ao longo de 27 anos, Early & Peters também observaram consideráveis amplitudes nas estatísticas vitais, fenômeno que denominaram de “volatilidade demográfica” (1990:30, 98). Segundo esses autores, a volatilidade deriva em parte do reduzido tamanho dos conjuntos populacionais com os quais os antropólogos geralmente lidam, o que resulta em flutuações aleatórias devido aos pequenos numeradores



e denominadores empregados nos procedimentos de cálculo. Uma maneira de mitigar o impacto da volatilidade é o cômputo das estatísticas vitais para blocos maiores de tempo. Para os Xavante de Sangradouro-Volta Grande, é provável que as variações nos valores das estatísticas vitais de ano para ano estejam estreitamente associadas à volatilidade demográfica, chamada por alguns de "característica essencial" da demografia antropológica (Early & Peters, 1990:30). Nas considerações que se seguem enfatizaremos os valores das estatísticas vitais geradas para o conjunto de cinco anos compreendidos entre 1993-1997.

Um segundo ponto a salientar relaciona-se à representatividade dos resultados no que tange à trajetória histórica dos Xavante de Sangradouro. Os dados referem-se a um momento recente (década de 1990) e relativamente curto (cinco anos), de modo que não podem ser tomados como representativos da dinâmica demográfica ao longo das últimas décadas. Os Xavante experimentaram uma grave crise demográfica no período subsequente ao estabelecimento do contato permanente, nas décadas de 1940 e 50. É possível que os níveis de mortalidade observados para os Xavante de Sangradouro em 1993-1997, ainda que elevados, sejam inferiores àqueles de algumas décadas atrás. Dados oriundos de outras comunidades Xavante sugerem que essa hipótese é plausível. Nancy Flowers (1994), a partir de dados coletados entre os Xavante de Pimentel Barbosa, analisou os impactos demográficos advindos da experiência do contato. A autora caracterizou o período compreendido entre o final da década de 50 e o início da década de 70 como aquele mais crítico e estressante para o grupo de Pimentel Barbosa. Suas pesquisas identificaram abruptas alterações nas taxas de fecundidade e mortalidade decorrentes de epidemias e desestruturação social. Entre 1957 e 1971, somente 46% das crianças nascidas-vivas de Pimentel Barbosa alcançaram a idade de 10 anos, comparado com 74% no período anterior a 1957 e 83% entre 1972 e 1990. Foram também observadas em Pimentel Barbosa importantes variações em outros parâmetros demográficos, como fecundidade, o que Flowers atribuiu à crise demográfica que se seguiu ao contato. É muito possível que os Xavante de Sangradouro tenham passado também por um período de recrudescência da mortalidade nas décadas de 50 e 60, tal como verificado em Pimentel Barbosa, e que os níveis tenham caído na fase mais recente, a partir dos anos 80.

Feitas essas ressalvas, passemos a algumas considerações a respeito das características demográficas observadas.

Quando se analisa a composição etária dos Xavante, verifica-se uma população com a idade mediana baixa, com 56,3% dos indivíduos com idade igual ou inferior a 15 anos. Trata-se, portanto, de uma contingente demográfico bastante jovem, com mais da metade da população constituída por crianças ou adolescentes. Via de regra, a predominância de jovens é o que se observa na ampla maioria das populações indígenas para os quais se dispõem de dados demográficos (Adams & Price, 1994). Em termos comparativos, as proporções de jovens em comunidades indígenas é bastante superior a que se verifica para a população brasileira não-indígena. Enquanto mais da metade da população de Sangradouro em 1995 apresentava 0-15 anos de idade (Tabela 1), segundo os dados do censo de 1991, as porcentagens para as diversas macro-regiões do Brasil eram as seguintes: Norte, 41,7%; Nordeste, 39,5%; Sudeste, 31,5%; Sul, 32,0%; Centro-Oeste, 35,3%. Para o país como um todo a porcentagem era de 33,1% (IBGE, 2000).

O estreitamento observado na pirâmide populacional dos Xavante para o grupo etário de 50-54 anos, tanto de mulheres como de homens, deve estar parcialmente relacionado a problemas nas estimativas de idade. Chama também atenção o acentuado estreitamento no grupo 35-44 anos, que corresponde à coorte de nascidos entre 1951 e 1960. Conforme apontado anteriormente, a década de 50 foi marcada por episódios de violência e epidemias, relacionados à fase de estabelecimento e consolidação do contato permanente com a sociedade nacional. Foi nesse período que, enfraquecido, o grupo Xavante que atualmente se localiza em Sangradouro estabeleceu-se na área mantida pela Missão Salesiana. O menor número de indivíduos nessa faixa etária pode ser resultante de elevação da mortalidade no período.

A análise do estado conjugal segundo idade para os Xavante em larga medida corroborou o que observações etnográficas já indicavam, qual seja, via de regra as mulheres Xavante casam-se mais cedo que os homens. Assim, no final da segunda década de vida, aos 19 anos de idade, 48% das mulheres da amostra já estavam casadas, e somente 5% dos homens. A partir dos 40 anos, quase a totalidade dos homens e mulheres estão casados. Mas há aspectos singulares que emergem a partir da análise do estado conjugal de acordo com a distribuição etária. Há uma quantidade considerável de mulheres entre 30 e 39 anos de idade, da ordem de 23%, não-casadas, o que é inclusive uma cifra bastante superior a de homens nesta mesma faixa etária. Além disso, a parcela de mulheres em relações poligínicas é relativamente baixa, inferior a 10%. Tais observações adquirem

contornos ainda mais singulares quando contrastadas com dados oriundos de outras comunidades Xavánte. Flowers (1994:237) observou em Pimentel Barbosa, que reúne um conjunto de comunidades Xavánte consideradas entre as mais tradicionais do ponto de vista cultural, que a quase totalidade das mulheres em idade reprodutiva encontravam-se casadas e que a porcentagem daquelas em casamento poligínicos era da ordem de 40%. É possível que a menor freqüência de poliginia em Sangradouro derive, em parte, da influência dos missionários salesianos.

A fecundidade entre os Xavánte é elevada, traduzindo-se em uma taxa de fecundidade total (TFT) próxima de 8,6 filhos. Como observado em diversas outras populações indígenas (Early & Peters, 1990; Flowers, 1994; Meireles, 1988; Picchi & Colledge, 1994; Werner, 1983a; entre outros), o padrão de alta fecundidade, com TFTs da ordem de 7-8 filhos, deve estar intimamente associado a intervalos intergenésicos (i.e., entre os partos) curtos, combinados com a iniciação da fase reprodutiva logo no início da segunda década de vida, por volta dos 13-14 anos, que se estende não raro até os 40-45 anos. A TFT dos Xavánte é bastante mais elevada que aquela da população brasileira na década de 90. Para o ano de 1996, a TFT para o Brasil era de 2,32, variando desde 2,05 (região Sudeste) a 3,01 (região Norte) (DATASUS, 2000). Nos cinco anos para os quais dispomos de dados para Sangradouro, observamos que a mulher mais jovem e mais velha que geraram crianças tinham, respectivamente, 13 e 45 anos, e a média dos intervalos inter-partais foi de 23,3 meses. Para Pimentel Barbosa, Flowers (1994:223) estimou uma média dos intervalos inter-partais de 20,9 meses.

A análise de estatísticas vitais relacionadas à mortalidade é particularmente informativa para se discutir questões relativas às condições gerais de vida, em especial no que tange ao processo saúde/doença. A taxa bruta de mortalidade dos Xavánte para o período 1993-1997 (9,1 mortes por mil) é superior àquela verificada para o Brasil (6,7 por mil em 1996), estando inclusive acima das cifras mais elevadas do país, que são oriundas da região Nordeste (7,8 por mil em 1996) (DATASUS, 2000). É necessário, contudo, proceder a comparação de valores de taxas brutas com cautela, dado que as mesmas são particularmente influenciados pela composição etária da população. A composição etária dos Xavánte, como apontado anteriormente, difere bastante daquela da população brasileira.

A taxa de mortalidade infantil (TMI) calculada para os Xavánte de Sangradouro

(87,1 por mil) é bastante mais elevada que a média nacional, de 37,5 por mil em 1996. A mortalidade infantil entre os Xavante é superior àquela da região Nordeste (60,4 por mil em 1996) e chega a superar a do estado brasileiro com a pior desempenho em 1996, qual seja, Alagoas (84,2 por mil em 1996) (DATASUS, 2000). A única outra informação sobre mortalidade infantil para os Xavante provém da pesquisa de Flowers (1994), que verificou uma TMI de 70,8 por mil em Pimentel Barbosa no período 1972-1990. Esta taxa de mortalidade infantil está abaixo daquela encontrada para os Xavante de Sangradouro, mas ainda assim é bastante superior à cifra nacional.

No que tange à mortalidade proporcional, dentre as 38 mortes registradas para os Xavante entre 1993 e 1997, 21 ocorreram em crianças menores de 1 ano e 11 em crianças entre 1 e 4 anos. Em termos percentuais, 55,2% das mortes aconteceram antes de um ano de vida, e 84,2% nos primeiros quatro anos. Quanto à mortalidade proporcional por idade no Brasil, para o ano de 1996, 8,3% dos óbitos ocorreram em crianças menores de 1 ano, variando de 6,1% (Sul) a 15,6 (Norte). É a elevadíssima mortalidade nos primeiros anos de vida que faz com que somente 86% das crianças consigam sobreviver até os 10 anos de vida.

O conjunto de observações apresentadas nos parágrafos anteriores aponta inequivocadamente para uma situação de alta mortalidade para os Xavante de Sangradouro, com níveis que rivalizam ou mesmo superam aqueles verificados nas macro-regiões sócio-economicamente mais desfavorecidas do Brasil. A maior concentração das mortes ocorre em crianças, em grande parte causadas por gastroenterites e infecções respiratórias (Coimbra & Santos, 1994). As condições de saneamento nas aldeias da T.I. Sangradouro-Volta Grande são precárias. A aldeia de São José, situada no mesmo local há aproximadamente 40 anos e com um contingente populacional de mais de 500 pessoas, não dispõe de fossas adequadas. A água para consumo humano é captada a partir de um curso d'água próximo. A possível contaminação da água por dejetos é um problema de saneamento básico também observado nas demais aldeias. Em um inquérito nutricional recentemente realizado em São José, detectou-se que as crianças menores de 10 anos apresentavam uma frequência de desnutrição proteico-energética de 22% e de anemia de 74% (Leite, 1998). A magnitude da desnutrição entre as crianças Xavante é bastante mais expressiva que aquela verificada entre as crianças não-indígenas brasileiras (Bittencourt & Magalhães, 1995; Monteiro et al., 1995).

Em Sangradouro surgiram duas novas aldeias entre 1993 e 1997, elevando o número de comunidades desde cinco para sete. Nas novas aldeias, em geral pequenas, predominam domicílios compostos por famílias nucleares, em contraste com o que se observa nas aldeias matrizes. A propósito, intenso processo de fissão tem sido observado em praticamente todas as áreas Xavánte, o que tem resultado em um crescimento espetacular na quantidade de aldeias. Segundo dados apresentados por Graham (1995:51-53), em 1980, havia 16 aldeias Xavánte; em 1985, houve um crescimento para 35. Atualmente estima-se que existam aproximadamente 70 aldeias, ou seja, a quantidade mais que quadruplicou em duas décadas. A dinâmica de divisão de aldeias é reflexo do facciosismo inerente à sociedade Xavánte. Como apontado por diversos antropólogos, o sistema político Xavánte caracteriza-se por um intenso dinamismo, que no cotidiano explicita-se por meio de disputas e alianças entre as facções. Não raro, os conflitos resultam em cisões das aldeias (Lopes da Silva, 1992:369-370; Maybury-Lewis, 1967:165-213). A intensificação da dinâmica de fissão desde a década de 80 parece estar relacionada a dois processos distintos e complementares. Por um lado, o desmembramento das aldeias permitia ocupar áreas mais remotas das reservas, permitindo uma melhor fiscalização de seus limites (Lopes da Silva, 1992:376). Por outro, estava em questão disputas políticas visando a obtenção de benefícios materiais provenientes da FUNAI por parte das lideranças. No auge do chamado "Projeto Xavánte", voltado para a rizicultura intensiva, a criação de uma nova comunidade podia resultar em benefícios como veículos, maquinário agrícola, sementes, etc. (vide Graham, 1995:50-55).

## Conclusão

Há grande carência de informações demográficas acerca dos povos indígenas no Brasil. Neste trabalho apresentamos uma análise demográfica detalhada para os Xavánte de Sangradouro, a partir de dados coletados ao longo de um período de cinco anos. Um primeiro aspecto a ser destacado é que as informações foram coletadas no âmbito das atividades de assistência à saúde executadas pela FUNAI, o que comprova a efetiva possibilidade de, uma vez teórica e tecnicamente municiadas, bem como propriamente motivadas, ser factível a coleta de dados demográficos pelas agências indigenistas, governamentais e não-governamentais, de grande importância para o planejamento, monitoramento e avaliação de atividades e programas. Um segundo diz respeito à tônica

que norteou as análises, que foi a de compreender a dinâmica populacional Xavánte a partir de uma perspectiva historicamente informada. Na medida do possível, procuraram-se interpretar os parâmetros demográficos, incluindo nupcialidade, migração, mortalidade, fecundidade, formação de aldeias, entre outros, à luz da trajetória histórica recente do grupo, enfatizando em particular o processo de interação com a sociedade nacional envolvente.

Os dados demográficos indicam que os Xavánte de Sangradouro apresentam elevada fecundidade e mortalidade, o que se traduz em um ritmo de crescimento pronunciado. Com relação à mortalidade, que é uma dimensão importante na avaliação das condições de saúde, verificaram-se níveis bastante mais elevados que os valores nacionais, notadamente no caso das crianças. A elevada mortalidade dos Xavánte nos dias atuais resulta e exemplifica a condição de marginalidade sócio-econômica a que estão relegados, cuja uma das facetas manifesta-se através das precárias condições de saneamento de suas aldeias e um serviço de saúde que não atende às necessidades.

Ao se considerar o conjunto de povos indígenas no Brasil, algo que sempre deve estar presente diz respeito à enorme sociodiversidade existente. Os números de sociedades e de línguas por elas faladas estão na casa das centenas. Certamente a inclusão da categoria “indígena” nos censos decenais é um avanço importante, pois é um passo no sentido de mitigar a preocupante situação de carência de dados demográficos acerca dos povos indígenas. Contudo, no censo, bem como em diversas outras bases de dados, predomina um “conceito de índio genérico”, uma vez que não são coletadas informações por etnia. É necessário ir além. Poucos discordariam da perspectiva de que, idealmente, as análises demográficas precisam ser o mais matizadas possível, no sentido de enfatizarem em suas interpretações as especificidades sociais e históricas das sociedades a que digam respeito. Para tanto, além da necessidade do aprimoramento dos grandes inquéritos nacionais, como o censo, que fornecem informações de representatividade nacional, faz-se necessário a realização de um maior número de estudos de caso em demografia indígena.

## Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer o apoio dos Xavante de Sangradouro-Volta Grande. Também à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), pela liberação da autora principal (L.G.S.) para fins de realização do Mestrado em Saúde Pública na ENSP/FIOCRUZ. A Missão Salesiana de Sangradouro gentilmente colocou à nossa disposição dados relativos a datas de nascimento. Este trabalho foi parcialmente financiado pelo PAPES/ FIOCRUZ (Programa de Apoio à Pesquisa Estratégica em Saúde).

## Bibliografia

- ADAMS, K. & PRICE, D., 1994. The demography of small scale societies: case studies from Lowland South America. *South American Indian Studies*, 4:5-10.
- AZEVEDO, M.M., 1997. Fontes de dados sobre as populações indígenas brasileiras da Amazônia. *Cadernos de Estudos Sociais*, 13:163-177.
- BARUZZI, R. G.; PAGLIARO, H.; SOUZA E SILVA, R.; SCHIVARTCHE, V. & MEZIARA, H., 1994. Os índios Panará: a busca pela sobrevivência. IX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, *Anais*, vol. 2, pp. 225-242.
- BITTENCOURT, S.A. & MAGALHÃES, R.F., 1995. Fome: um drama silencioso. In: Os Muitos Brasis: Saúde e População na Década de 80. pp. 269-270. São Paulo & Rio de Janeiro: Editora HUCITEC & ABRASCO.
- BLACK, F.L.; PINHEIRO, F.D.; OLIVA, O.; HIERHOLZER, W.J.; LEE, R.V.; BRILLER, J.E. & RICHARDS, V.A., 1978. Birth and survival patterns in numerically unstable proto agricultural societies in the Brazilian Amazon. *Medical Anthropology*, 2:95-127.
- COIMBRA JR., C. E. A & SANTOS, R. V., 1994. *Epidemiologic Profile of Amazonian Amerindians from Brazil, with Special Emphasis on the Xavante from Mato Grosso and on Groups from Rondônia*. A Report to the World Bank. Rio de Janeiro. (Mimeo.).
- DATASUS, 2000. Indicadores e dados básicos, Brasil, 1997. <http://www.datasus.gov.br/cgi/ldb97/matriz.htm>, acessado em 04/01/2000.
- EARLY, J. D. & PETERS, J. F., 1990. *The Population Dynamics of the Mucajaí Yanomama*. San Diego: Academic Press.

- FLOWERS, N. M., 1983a. *Forager-Farmers: The Xavante Indians of Central Brazil*. Ph.D. dissertation. New York: City University of New York.
- FLOWERS, N. M., 1983b. Seasonal factors in subsistence, nutrition, and child growth in a Central Brazilian Indian Community. In: *Adaptative Responses of Native Amazonians* (R. B. Hames & W. H. Vickers, eds.), pp. 357-390. New York: Academic Press.
- FLOWERS, N. M., 1994. Crise e recuperação demográfica: Os Xavante de Pimentel Barbosa, Mato Grosso. In: *Saúde & Povos Indígenas* (R. V. Santos & C.E.A. Coimbra Jr., orgs.), pp. 213-242. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- FUNAI (Fundação Nacional do Índio), 1996. *Relatório Anual das atividades do Serviço de Saúde da Administração Regional de Barra do Garças*. Barra do Garças, MT: FUNAI, (mimeo.).
- GARFIELD, S., 1996. "Civilized" but Discontent: the Xavante Indians and Government Policy in Brazil, 1937-1988. PhD Dissertation. New Haven: Yale University.
- GIACCARIA, B. & HEIDE, A., 1984. *Xavante: Povo Autêntico*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco.
- GRAHAM, L. R., 1995. *Performing Dreams: Discourses of Immortality among the Xavante of Central Brazil*. Austin: University of Texas Press.
- IBGE, 2000. Sistema IBGE de Recuperação Automática: Brasileiros natos (habitantes), ano=1991. <http://www.sidra.ibge.gov.br>, acessado em 04/01/2000.
- LEITE, M. S., 1998. *Avaliação do Estado Nutricional da População Xavante de Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso*. Tese de Mestrado, Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz.
- LOPES, M., 1988. *A Resistência do Índio ao Extermínio: O Caso dos Akwe-Xavante, 1967-1980*. Dissertação de mestrado em história. Assis/SP:UNESP.
- LOPES DA SILVA, A., 1986. *Nomes e Amigos: Da Prática Xavante a uma Reflexão sobre os Jê*. São Paulo: Faculdade de Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- LOPES DA SILVA, A., 1992. Dois séculos e meio de história Xavante. In: *História dos Índios no Brasil* (M. C. Cunha, org.), pp. 357-378, São Paulo: Companhia das Letras.
- MAYBURY-LEWIS, D., 1967. *Akwe-Shavante Society*. Oxford: Clarendon Press.



- MEIRELES, D. M., 1988. Sugestões para uma análise comparativa da fecundidade em populações indígenas. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, 5:1-20.
- MENEZES, C., 1982. Os Xavante e o movimento de fronteira no leste matogrossense. *Revista de Antropologia*, 25:63-87.
- MONTEIRO, C. A.; BENÍCIO, M.H.D.; IUNES, R.F.; GOUVEIA, N.C. & CARDOSO, M.A.A., 1995. Evolução da desnutrição infantil. In: *Velhos e Novos Males da Saúde no Brasil* (C.A. Monteiro, org.). pp. 93-114. São Paulo: HUCITEC.
- OLIVEIRA, J. P., 1997. Pardos, mestiços ou caboclos: os índios nos censos nacionais no Brasil (1972 - 1980). *Horizontes Antropológicos*, 6:60-83.
- PICCHI, D. & COLLEGE, F. P., 1994. Observations about a central Brazilian indigenous population: the Bakairi. *South American Indians Studies*, 4:37-46.
- RAVAGNANI, O., 1978. *A Experiência Xavante com O Mundo dos Brancos*. Tese de Doutorado, São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.
- RIBEIRO, D., 1956. Convívio e contaminação. Efeitos dissociativos da depopulação provocada por epidemias em grupos indígenas. *Sociologia*, 18:3-50.
- RIBEIRO, D., 1986. *Os Índios e a Civilização: A Integração das Populações Indígenas no Brasil Moderno*. Petrópolis: Editora Vozes.
- RICARDO, C. A., 1996. A sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil. In: *Povos Indígenas no Brasil 1991/1995* (C.A. Ricardo, org.), pp. i-xii. São Paulo: Instituto Socioambiental.
- SANTOS, R. V.; FLOWERS, N.M.; COIMBRA Jr., C.E.A. & GUGELMIN, S.A., 1997. Tapirs, tractors and tapes: the changing economy and ecology of the Xavante Indians of Central Brazil. *Human Ecology*, 25:545-566.
- SILVA, M.F., 1994. A demografia e os povos indígenas no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. 11:261-264.
- SOUZA, L. G., 1999. *Perfil demográfico dos Xavante de Sangradouro-Volta Grande, 1993-1997*. Tese de Mestrado, Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz.
- WAGLEY, C., 1973. Cultural influences on populations: a comparison of two Tupi tribes. In: *Peoples and Cultures of Native South American* (D. Gross, ed.), pp. 145-158. New York: Doubleday/The Natural History Press.

WERNER, D., 1983a. Fertility and pacification among the Mekranoti of Central Brazil.

*Human Ecology*, 11:227-245.

WERNER, D., 1983b. Mudanças demográficas no Posto Indígena Ibirama. *Anais do*

*Museu Antropológico da Universidade Federal de Santa Catarina*, pp. 24-33.

Figura 1 – Localização das Terras Indígenas Xavante, Mato Grosso.

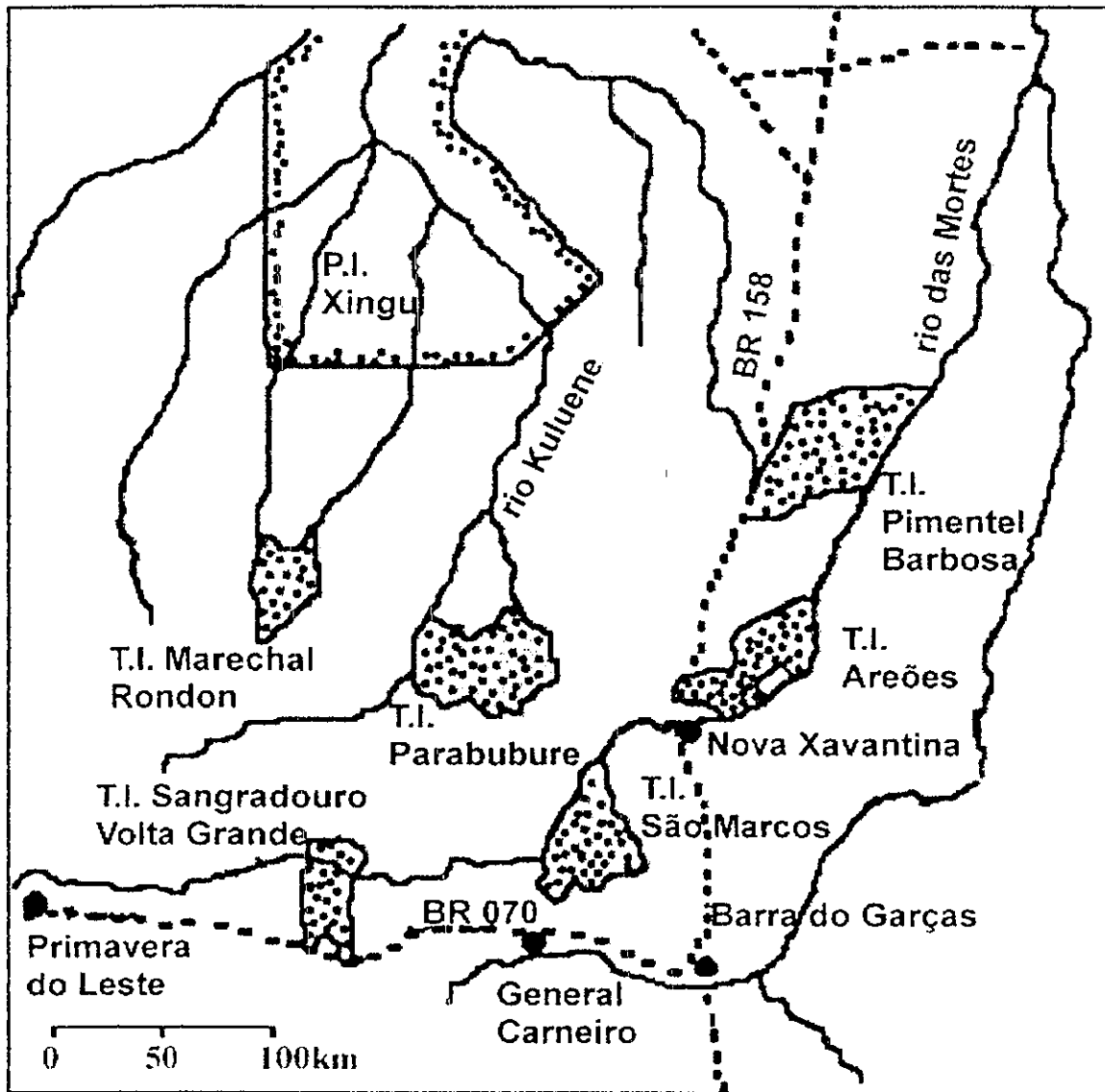


Figura 2. Pirâmide Etária dos Xavante da Terra Indígena Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso, 1995.

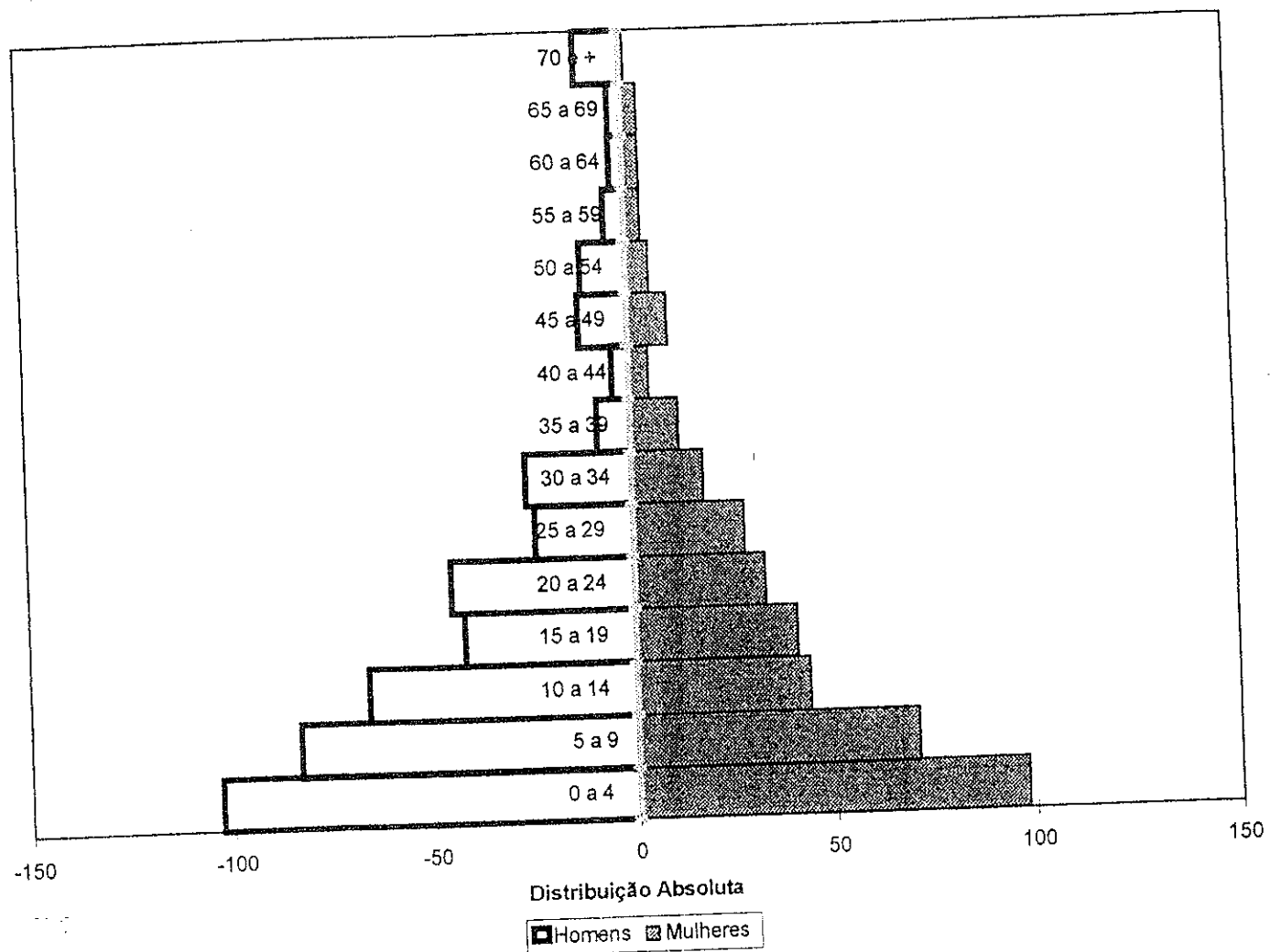


Tabela 1 - Distribuição absoluta e relativa da população por ano de referência e sexo, segundo o grupo etário, Terra Indígena Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso, Brasil, 1993-1997.

Grupo Etário (anos)	1993				1994				1995				1996				1997			
	Sexo		Total	%	Sexo		Total	%	Sexo		Total	%	Sexo		Total	%	Sexo		Total	%
	M	F			M	F			M	F			M	F			M	F		
< 1	24	16	40	5,3	23	21	44	5,6	27	17	44	5,3	23	26	49	5,5	19	23	42	4,6
1 a 4	75	79	154	20,3	73	72	145	18,3	76	81	157	19,0	88	77	165	18,5	93	79	172	18,7
5 a 9	71	61	132	17,4	77	68	145	18,3	83	71	154	18,7	86	77	163	18,3	83	88	171	18,6
10 a 14	58	43	101	13,3	65	44	109	13,8	66	44	110	13,3	74	47	121	13,6	75	51	126	13,7
15 a 19	42	42	84	11,1	38	42	80	10,1	42	41	83	10,1	48	44	92	10,3	55	43	98	10,7
20 a 24	37	29	66	8,7	44	32	76	9,6	45	33	78	9,5	44	37	81	9,1	44	37	81	8,8
25 a 29	28	24	52	6,8	27	27	54	6,8	24	28	52	6,3	27	30	57	6,4	26	31	57	6,2
30 a 34	19	20	39	5,1	22	18	40	5,1	26	18	44	5,3	26	19	45	5,1	24	17	41	4,5
35 a 39	5	5	10	1,3	9	9	18	2,3	8	12	20	2,4	13	16	29	3,3	16	22	38	4,1
40 a 44	9	9	18	2,4	5	7	12	1,5	5	4	9	1,1	5	5	10	1,1	8	3	11	1,2
45 a 49	11	10	21	2,8	12	12	24	3,0	12	10	22	2,7	11	11	22	2,5	11	11	22	2,4
50 a 54	8	3	11	1,4	11	3	14	1,8	11	6	17	2,1	12	6	18	2,0	12	6	18	2,0
55 a 59	5	5	10	1,3	5	4	9	1,1	5	4	9	1,1	7	3	10	1,1	7	4	11	1,2
60 a 64	2	4	6	0,8	1	5	6	0,8	3	4	7	0,8	3	4	7	0,8	6	5	11	1,2
65 a 69	2	1	3	0,4	2	2	4	0,5	3	4	7	0,8	4	4	8	0,9	2	4	6	0,7
70 e +	11	2	13	1,7	11	1	12	1,5	11	1	12	1,5	11	2	13	1,5	12	3	15	1,6
Total	407	353	760	100,0	425	367	792	100,0	446	379	825	100	482	409	890	100,0	493	427	920	100,0

Tabela 2 - Razão de dependência dos Xavante da Terra Indígena Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso, Brasil, 1993-1997.

	Razão de Dependência				
	1993	1994	1995	1996	1997
Jovens	134,7	133,0	136,4	134,2	131,7
Idosos	5,0	4,8	5,6	5,7	7,2
Total	139,7	137,8	141,9	139,9	138,9

Tabela 3 - Razão de sexo (por 100 mulheres) da população da Terra Indígena Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso, Brasil, 1993-1997.

Grupo Etário (anos)	1993	1994	1995	1996	1997
0 - 4	104,2	103,2	105,1	107,8	109,8
5 - 14	124,0	126,8	129,6	129,0	113,7
15 - 64	109,9	109,4	111,8	112,0	116,8
65 e +	433,3	433,3	280,0	250,0	200,0
Total	115,3	115,8	117,7	118,1	115,5

Tabela 4 - Distribuição absoluta e relativa da população Xavante de Sangradouro-Volta Grande por estado conjugal e sexo, segundo grupo etário, Mato Grosso, Brasil, 1997.

Grupo Etário (anos)	Casados		Solteiros		Separados		Viúvos		Total	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
15 - 19 (%)	3 (5,5)	21 (48,8)	52 (94,5)	22 (51,2)	- (0)	- (0)	- (0)	- (0)	55 (100)	43 (100)
20 - 29 (%)	51 (73,0)	63 (92,6)	18 (26,0)	- (0)	1 (1,4)	5 (7,4)	- (0)	- (0)	70 (100)	68 (100)
30 - 39 (%)	39 (97,5)	30 (77,0)	1 (2,5)	- (0)	- (0)	7 (18,0)	- (0)	2 (5,0)	40 (100)	39 (100)
40 - 49 (%)	16 (84,0)	11 (100)	2 (11,0)	- (0)	1 (5,0)	- (0)	- (0)	- (0)	19 (100)	11 (100)
50 - 59 (%)	19 (100)	10 (100)	- (0)	- (0)	- (0)	- (0)	- (0)	- (0)	19 (100)	10 (100)
60 e + (%)	20 (100)	10 (83,0)	- (0)	- (0)	- (0)	- (0)	- (0)	2 (17,0)	20 (100)	12 (100)
Total	148	145	73	22	2	12	-	4	223	183

Tabela 5 - Distribuição absoluta e relativa da população da Terra Indígena Sangradouro-Volta Grande segundo aldeias, Mato Grosso, Brasil, 1993-1997.

Aldeias	1993		1994		1995		1996		1997	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
São José	587	77,2	578	73,0	517	62,6	558	62,6	587	63,8
Cabeceira da Pedra	12	1,6	27	16,0	73	8,8	82	9,2	87	9,5
Dom Bosco	101	13,3	127	16,0	122	14,8	122	13,7	101	11,0
Marimbú	25	3,3	35	4,4	28	3,4	29	3,3	29	3,0
Volta Grande	35	4,6	25	3,2	26	3,2	36	4,0	33	3,6
Abelhinha	-	-	-	-	59	7,2	64	7,2	69	7,5
Bom Jesus	-	-	-	-	-	-	-	-	14	1,6
Total	760	100,0	792	100,0	825	100,0	891	100,0	920	100,0



Tabela 6 – Distribuição de frequência simples e acumulada do número de domicílios por aldeia segundo o número de moradores, Terra Indígena Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso, Brasil, 1997.

Morador por domicílio	Número de domicílios								Freq %	Freq. Acumulada
	Bom Jesus	Cabeceira da Pedra	Dom Bosco	São José	Volta Grande	Abelhinha	Marimbú	Total		
1	-	-	-	-	-	-	-	-	0,0	0,0
2	-	-	-	-	1	-	-	1	1,1	1,1
3	-	1	-	-	-	-	-	2	2,2	3,3
4	-	2	-	3	2	-	-	7	7,5	10,7
5	-	1	-	3	-	1	1	6	6,5	17,2
6	1	1	2	4	2	1	2	13	14,0	31,2
7	-	2	1	3	-	-	-	6	6,5	37,6
8	1	1	1	6	1	-	-	10	10,8	48,4
9	-	-	-	7	-	2	-	9	9,7	58,0
10	-	-	1	3	-	-	1	5	5,4	63,4
11	-	1	-	4	-	-	-	5	5,4	68,8
12	-	1	-	6	-	-	-	7	7,5	76,3
13	-	-	2	3	-	1	-	6	6,5	82,8
14	-	-	-	3	-	-	-	3	3,2	86,0
15	-	1	1	1	-	-	-	3	3,2	89,2
16	-	-	-	2	-	-	-	2	2,2	91,4
17	-	-	-	1	-	-	-	1	1,1	92,4
18	-	-	-	2	-	-	-	2	2,2	94,2
19	-	-	-	-	-	-	-	-	0,0	94,2
20	-	-	-	1	-	-	-	1	1,1	95,7
21	-	-	1	1	-	-	-	2	2,2	97,8
22	-	-	-	-	-	-	-	-	0,0	97,0
23	-	-	-	1	-	1	-	2	2,2	100,0
<b>Total</b>	<b>2</b>	<b>11</b>	<b>9</b>	<b>54</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>93</b>	<b>100,0</b>	

Tabela 7 - Taxa bruta de natalidade (TBN), taxa de fecundidade global (TFG), taxa bruta de mortalidade (TBM), taxa de mortalidade infantil (TMI) por mil e taxa de crescimento vegetativo (TCV) por cem, Terra Indígena Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso, Brasil, 1993-1997.

Indicadores	1993	1994	1995	1996	1997	1993-1997
TBN	56,6	64,4	58,2	56,2	53,3	57,7
TFG	236,3	267,0	251,3	239,2	227,9	249,7
TBM	9,21	12,63	7,27	7,87	8,70	9,14
TMI	116,3	78,4	62,5	100,0	81,63	87,14
TCV	4,7	5,2	5,1	4,8	4,5	4,9

Tabela 8 - Taxa de fecundidade específica por idade, por cem mulheres, e taxa de fecundidade total por ano, Terra Indígena Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso, Brasil, 1993-1997.

Grupo Etário (anos)	1993		1994		1995		1996		1997		1993-1997	
	fi	fi%	fi	fi%	fi	fi%	fi	fi%	fi	fi%	fi	fi%
10 a 19	9,4	8,8	22,1	21,3	16,5	21,8	16,5	21,5	16,0	24,5	16,1	18,8
20 a 29	47,2	44,1	35,6	34,3	45,9	60,6	37,3	48,6	33,8	51,8	40,0	46,6
30 a 39	40,0	37,3	40,7	39,2	13,3	17,6	22,9	29,9	15,4	23,6	26,5	30,9
40 a 49	10,5	9,8	5,3	5,1	0	0	0	0	0	0	3,2	3,7
TFT	10,7	100	10,4	100	7,6	100	7,7	100	6,5	100	8,6	100

Tabela 9 – Mortalidade específica por idade por mil habitantes, Terra Indígena Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso, Brasil, 1993-1997.

Mortalidade específica por Idade (anos)	1993		1994		1995		1996		1997		1993-1997 total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
0 a 4	5	25,8	8	42,3	4	19,9	7	32,7	8	37,4	32	31,6
	5	194	8	189	4	201	7	214	8	214	32	1012
5 a 14	0	0,0	1	3,9	1	3,9	0	0,0	0	0,0	2	1,5
	0	233	1	254	1	264	0	284	0	297	2	1332
15 a 64	1	3,2	0	0,0	1	2,9	0	0,0	0	0,0	2	1,1
	1	317	0	333	1	341	0	371	0	388	2	1750
65 e +	1	62,5	1	62,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	2	21,5
	1	16	1	16	0	19	0	21	0	21	2	93
Total	7	9,2	10	12,6	6	7,3	7	7,9	8	8,6	38	9,1
	7	760	10	792	6	825	7	890	8	920	38	4187

Tabela 10 – Distribuição absoluta e relativa dos óbitos por ano, segundo grupo etário, Terra Indígena Sangradouro Volta Grande, Mato Grosso, Brasil, 1993-1997.

Mortalidade proporcional por cem habitantes	1993		1994		1995		1996		1997		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
< 1 ano	5	71,4	4	40,0	3	50,0	5	71,4	4	50,0	21	55,2
1 a 4	-	-	4	40,0	1	16,7	2	28,6	4	50,0	11	29,0
5 a 19	-	-	1	10,0	1	16,7	-	-	-	-	2	5,3
20 a 49	1	14,3	-	-	1	16,7	-	-	-	-	2	5,3
50 e +	1	14,3	1	10,0	-	-	-	-	-	-	2	5,3
Total	7	100,0	10	100,0	6	100,0	7	100,0	8	100,0	38	100,0

Tabela 11 – Taxas de mortalidade (por mil) em crianças de 0-10 anos, ambos os sexos, Terra Indígena Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso, Brasil, 1993-1997.

Idade (anos)	1993	1994	1995	1996	1997	Período 1993-1997
0	108,70 (5/46)	83,33 (4/48)	68,18 (3/44)	98,04 (5/51)	81,63 (4/49)	88,24 (21/238)
1	0 (0/40)	0 (0/41)	0 (0/44)	0 (0/41)	65,22 (3/46)	14,15 (3/212)
2	0 (0/2)	50,00 (2/40)	24,39 (1/41)	45,45 (2/44)	0 (0/41)	25,25 (5/198)
3	0 (0/7)	0 (0/32)	0 (0/38)	0 (0/40)	0 (0/42)	0 (0/189)
4	0 (0/42)	54,05 (2/37)	0 (0/32)	0 (0/38)	0 (0/40)	10,58 (2/189)
5	0 (0/28)	0 (0/40)	0 (0/35)	0 (0/32)	0 (0/38)	0 (0/173)
6	0 (0/29)	0 (0/28)	0 (0/42)	0 (0/35)	0 (0/32)	0 (0/166)
7	0 (0/28)	0 (0/29)	35,71 (1/28)	0 (0/42)	0 (0/35)	6,17 (1/162)
8	0 (0/21)	0 (0/28)	0 (0/29)	0 (0/27)	0 (0/42)	0 (0/147)
9	0 (0/26)	0 (0/21)	0 (0/28)	0 (0/29)	0 (0/27)	0 (0/31)
10	0 (0/28)	0 (0/26)	0 (0/21)	0 (0/28)	0 (0/29)	0 (0/132)

Tabela 12 – Tábua de vida abreviada, sexos combinados, Terra Indígena Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso, Brasil, 1993-1997.

Idade (anos)	Indivíduos	Mortes	Sobreviventes	qx	lx
0	238	21	217	0,0882	1000
1	212	3	209	0,0142	912
2	198	5	193	0,0253	899
3	189	0	189	0,0000	876
4	189	2	187	0,0106	876
5	173	0	173	0,0000	867
6	166	0	166	0,0000	867
7	162	1	161	0,0062	867
8	147	0	147	0,0000	862
9	131	0	131	0,0000	862
10					862